

2020.1 . Ano xxxvii . Número 39

CALÍOPE

Presença Clássica

separata 1



2020.1 . Ano xxxvii . Número 39

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

separata 1

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
REITOR Denise Pires de Carvalho

Centro de Letras e Artes
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

Faculdade de Letras
DIRETORA Sonia Cristina Reis

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADORA Ricardo de Souza Nogueira

Departamento de Letras Clássicas
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz
SUBCHEFE Eduardo Murtinho Braga Boechat

Organizadores
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Editoração
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão técnica
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

A construção da *persona* satírica nas sátiras de Pérsio

Ruth dos Santos Silva

Leni Ribeiro Leite

RESUMO

O presente artigo analisa a construção da *persona* satírica na obra do poeta romano Aulo Pérsio Flaco. Nossa análise utiliza o conceito de *persona* a partir dos estudos de Paulo Sérgio de Vasconcellos (2016) e Diskin Clay (1998), em que os estudiosos propõem a distinção entre a *persona* poética e o autor empírico frente à leitura dos textos literários que, por vezes, são tomados pelo viés autobiográfico. Além disso, utilizamos o conceito de *éthos* proposto por Dominique Maingueneau, que considera que todo texto escrito possui um tom que confere autoridade ao que é dito e permite ao leitor a construção da representação de quem escreve. Desse modo, percebemos que a construção da *persona* satírica de Pérsio, nas sátiras em questão, apresenta um *éthos* conservador que se excede nos vulgarismos para criticar a sociedade romana e seus padrões, contrário à literatura contemporânea e ao helenismo, avesso ao apego material e defensor dos estudos da filosofia estoica.

PALAVRAS-CHAVE

Sátira romana; literatura latina; Pérsio; *persona*; *éthos*.

SUBMISSÃO 13.7.2018 | APROVAÇÃO 26.12.2018 | PUBLICAÇÃO 3.11.2019

DOI <https://doi.org/10.17124/cpc.v0i37.18808>

E

ste artigo pretende analisar a construção da *persona* satírica nas obras de Pérsio, um poeta romano pouco estudado contemporaneamente. Pretendemos demonstrar que a sátira desse autor ao mesmo tempo se aproxima e se afasta, em diversos momentos, dos mais populares parâmetros do gênero satírico romano, Horácio e Juvenal, construindo para si uma *persona* própria, que dialoga e negocia com o gênero satírico de maneira particular.

Aulo Pérsio Flaco (34 – 62 d.C) foi um poeta romano e sucessor de Horácio. Estima-se ter vivido sob o principado de Nero, imperador romano que, segundo Belchior¹ e Hurley,² foi caracterizado de forma diversa pelos autores antigos Tácito, Cássio Dio e Suetônio. Em relação ao contexto de produção literária do poeta, Gowers³ pontua que a literatura neroniana, mais do que qualquer outro período em Roma, exigia “ser lida sob a sombra, ou antes, o brilho do seu governante”,⁴ resultando cada obra, portanto, de uma interação negativa ou positiva entre Nero e os escritores.

Chegou à posteridade uma pequena biografia sobre a vida do satirista neroniano, a *Vita Persii*,⁵ atribuída a Marco Valério Probo e cuja legitimidade pode ser questionada. Essa *Vida de Pérsio* nos informa que o poeta foi um equestre de uma tradicional família romana e iniciou seus estudos aos doze anos. Posteriormente, aos dezesseis, teve como tutor e amigo Lúcio Aneu Cornuto, a quem dedicou a sua quinta sátira. A biografia afirma ainda que o interesse do jovem romano por escrever sátiras teria surgido após a leitura do décimo livro de Lucílio, considerado o criador do gênero. Em relação ao estilo de Pérsio, Braund⁶ e Castro⁷ são consoantes ao considerarem que as sátiras são copiosas em alusões, metáforas, vulgarismos, além de apresentarem um latim difícil.

A obra de Pérsio é composta por um prólogo em metro colíambo e seis sátiras em hexâmetro datílico. Para Castro,⁸ embora a obra do satirista seja curta, os problemas referentes à interpretação das metáforas, léxico e estilo se configuram como

desafios tão grandes quanto compreender a obra de Lucílio, que é fragmentada. Prosseguindo em sua consideração, a autora afirma que “a obscuridade tem sido pretexto para retirá-lo da trindade da sátira latina hexamétrica, tendo sido Pérsio espremido entre a urbanidade de Horácio e a energia de Juvenal”.⁹ No entanto, Pérsio tem suas próprias qualidades e sua realização particular do gênero satírico, que pode nos ajudar a melhor compreender a sátira romana, uma vez que tão poucos exemplares dela chegaram da Antiguidade a nós.

A sátira, definida por Lucílio (séc. II a.C) e Horácio (65 – 8 a.C) como *sermo*, é um gênero considerado originariamente romano, que se preocupa com a observação da sociedade e com a discussão dos problemas morais e relações sociais. Para Braund,¹⁰ qualquer tentativa de definir a sátira demonstra a fluidez do gênero; contudo, a autora cita a tentativa de Feinberg em definir a sátira como “distorção cômica do familiar” para tratar de quatro características comuns à sátira, que são geralmente distribuídas em dois eixos: o espectro da comicidade e do criticismo, e o espectro do familiar e de suas distorções, que vão da supressão ao exagero. Na esteira da distorção cômica, Braund¹¹ aponta para a problemática de interpretar a sátira como representação de costumes sociais, pois o aparente realismo desses textos não deve nos cegar para o grau de distorção exercido pela inclinação ao cômico.

João Adolfo Hansen, em *Anatomia da sátira*, apresenta um posicionamento similar ao de Susanna Braund ao tratar da sátira como um gênero cômico e comentar sobre a falácia biográfica que, segundo o autor, é uma perspectiva anacrônica, caudatária da crítica romântica. Para Hansen,¹² o ocupar do estabelecimento da biografia do autor satírico supostamente expressa nos poemas acaba por gerar discussões improváveis a respeito da sinceridade psicológica. Diante disso, avesso ao biografismo, o estudioso se propõe a tratar a sátira como “adequação das convenções retóricas d a *persona* satírica como sinceridade estilística, não do autor empírico”.¹³

Se, em Horácio, Citroni¹⁴ observa que a variedade da sátira é reduzida, o autor afirma que em Pérsio e Juvenal tal variedade é limitada, não encontrando espaço para a autobiografia. Em uma primeira leitura, percebemos que a voz enunciativa na obra persiana não é uniforme: às vezes é veementemente conservadora em sua crítica à sociedade romana; chega a ser filosófica com um tom quase professoral; parece oscilante no que se refere à *rusticitas* e à *urbanitas*. Diante da observação acerca da mudança de tom nas sátiras, propomo-nos a analisar em mais detalhe a construção da *persona* satírica nas seis sátiras de Aulo Pérsio Flaco.

A PERSONA POÉTICA

Um dos primeiros estudiosos a propor uma leitura das sátiras pelo viés da *persona* poética no séc. XX foi William Anderson e em *Anger in Juvenal and Seneca*, de 1964. Essa proposta, que se apresentou como uma alternativa às leituras biografistas mais comuns à época, surgiu no movimento da crítica literária denominado *New Criticism*, que descartava a ideia de intenção do autor, modelos sociológicos, históricos e outros frente à interpretação literária. Vasconcellos afirma que as ideias de Anderson, isto é, propor a sátira como uma performance que “permitia resistir-se a vê-la como autobiografia e considerava que a elite romana era altamente educada e exercia o intelecto tanto quanto a emoção”,¹⁵ enfrentaram críticas de classicistas como, por exemplo, Gilbert Highet, que, a propósito, escreveu um ensaio de cunho biografista sobre Juvenal e criticava ferrenhamente a concepção do “eu” na sátira sob uma *persona* satírica. Não cabe a nós dissertar sobre os díspares argumentos desses estudiosos, mas discorrer sobre a alternativa que, ao nosso ver, compete à análise do nosso *corpus*: a *persona*, pois, estando ligado à ideia de máscara teatral, o conceito de *persona* dissocia o autor empírico por detrás dela da personagem construída poeticamente.

Os textos literários antigos, por vezes, segundo Vasconcellos,¹⁶ eram tomados como reflexos diretos de seus autores empíricos. O estudioso considera que poetas como Catulo

e Ovídio mostraram-se combatentes em alguns de seus poemas frente à leitura biográfica de suas obras, pois a dissociação ou *despersonalização* da vida e arte não era uma ideia muito clara já para os antigos. A exemplo, se o famoso poema 16 de Catulo traz um incômodo frente à associação de autor empírico e seu texto, por outro lado, a sátira de Horácio,¹⁷ parece apresentar uma crença biográfica em relação a Lucílio em suas sátiras:

Como Lucílio fez, que mais valia, / do que qualquer de nós:
os seus segredos, / no bem, no mal, não recorria a outrem: /
daqui procede, que do velho a vida, / qual votivo painel, se
estampou neles. / Quero segui-lo.¹⁸

Vasconcellos observa, inclusive, que o poeta augustano teria se colocado

programaticamente na posição de quem o imita, não distinguindo, pois, nem do predecessor nem em si mesmo, uma *persona* poética que seria construída retoricamente, e não necessariamente assimilável à figura de seu autor.¹⁹

O conceito de *persona* enquanto artifício retórico nos permite entender, como defende Clay,²⁰ que há uma diferença entre o poeta de um poema e o poeta no poema, assim como há diferença nos leitores de um poema e o leitor no poema.²¹ Ademais, entender essa diferença pelo viés da *persona* nos impede de ler os textos literários, usando como subterfúgio dados biográficos para preencher lacunas encontradas nas obras, além de associá-las ao estado psicológico do autor. Não obstante, apesar da leitura biografista parecer ingênua e empobrecedora, como observa Vasconcellos,²² e, por conseguinte, desconsiderar o engenho dos poetas, não devemos cair no simplismo de negar os possíveis dados biográficos existentes nas obras literárias.

Parece-nos de importância esclarecer que não entendemos a sátira como um gênero autobiográfico, mas tampouco acreditamos que a presença biográfica seja inexistente. Dessa forma, concordes com Castro²³ pela defesa da sátira

enquanto manifestação artística e retórica, propomo-nos a analisar a construção da *persona* satírica nos poemas de Pérsio, intencionando o afastamento de interpretações biográficas.

O CONCEITO DE ÉTHOS

Próximo à noção de *persona*, outro elemento que nos auxiliou em nossa análise foi o conceito de *éthos*. O termo *éthos*, usado atualmente nos estudos em Análise do Discurso – em especial nos trabalhos de Dominique Maingueneau²⁴ –, tem origens clássicas. Aristóteles, na *Retórica*,²⁵ apresenta três meios de persuasão dos quais o orador deve se valer para tornar seu discurso eficaz: o *éthos*, o *páthos* e o *lógos*. O primeiro está relacionado à construção da imagem que o orador faz de si perante outros; o segundo se preocupa com as emoções suscitadas nos ouvintes pelo orador; e o terceiro, por fim, está ligado ao campo do discurso e dos argumentos. Se, para Aristóteles, o *éthos* está primordialmente ligado ao discurso, para os demais retores antigos, em especial os romanos, o conceito apresenta certas diferenças, pois, Cícero, por exemplo, leva em consideração o gênero de causa e as provas prévias como pontos caros à discussão do *éthos*.

Algumas obras romanas que discorrem sobre o *éthos*, ainda que de forma diversa à noção aristotélica, são a *Rhetorica ad Herennium*, de autor anônimo, e *De oratore*,²⁶ de Cícero. Em *De oratore*, Cícero considera que a partir do conhecimento do gênero (oratório) de causa, que exige o conhecimento de contratos, testemunhas, pactos parentescos e outros, o ponto a ser referido em todo o discurso, isto é, o estabelecimento do *éthos*, deve estar apropriado à questão e ao julgamento:

Uma vez, então, que tomei conhecimento do gênero da causa aceita e comeci a tratar o caso, estabeleço, antes de qualquer outra coisa, o ponto a que devo referir todo o meu discurso, a fim de que seja apropriado à questão e ao julgamento; em seguida, considero com o maior cuidado possível dois pontos: um deles apresenta nossa recomendação ou a daqueles que defendemos; o outro é apropriado para influenciar os ânimos

daqueles perante os quais discursamos tendo em vista o que queremos.²⁷

Desse modo, o rétor romano se aproxima da noção de modulação do *éthos* a qual Aristóteles afirma ser necessária, contudo, quanto à persuasão, o arpinate refere-se mais às paixões do que ao *éthos* do orador. Assim como Aristóteles e Cícero, Quintiliano, na *Institutio Oratoria*, afirma que o caráter do orador deve denotar “o que há de ser reconhecido acima de tudo pela bondade”,²⁸ isto é, o *éthos* de um *vir bonus* requer um homem bom e cortês, todavia, se não possuir tal virtude, o orador deve, ao menos, apresentar-se dessa forma de maneira convincente.

Ainda segundo as concepções de Cícero, que se opõem em alguns aspectos às formulações de Aristóteles, o rétor parece considerar que o *éthos* do réu cuja causa se defende tem importância igual ao do orador, mas não é o mesmo, porquanto o poder oratório não está somente nos argumentos e comprovação do caso por si mesmo, mas também nos feitos, costumes, caráter, bem como pela reputação do homem capaz de cativar os ânimos:

Tem muita força, então, para a vitória, que se aprovelem o caráter, os costumes, os feitos e a vida dos que defendem as causas e daqueles em favor de quem as defendem, e, do mesmo modo, que se desaprovelem os dos adversários, bem como que se conduzam os ânimos daqueles perante os quais se discursa à benevolência tanto em relação ao orador como em relação ao que é defendido pelo orador [...].²⁹

A noção de *éthos* nos estudos modernos da Análise do Discurso tem origem na retórica antiga, contudo, enquanto a perspectiva aristotélica estabelece que as imagens são produzidas no e pelo próprio discurso, para os estudos contemporâneos, a construção do *éthos*, como observa Amossy, considera que

o enunciador deve se conferir, e conferir ao seu destinatário, certo *status* para legitimar o seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber.³⁰

Nosso uso do conceito de *éthos* leva em consideração essa marcação de *status* que se relaciona com elementos sociais.

Dominique Maingueneau³¹ afirma que todo texto possui um tom que dá autoridade ao que é dito e permite ao leitor a construção da representação do corpo do enunciador a um *fiador* – noção semelhante à de orador – que atesta o que é dito por meio desse tom. Dessa forma, para o autor, o *éthos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, e sua representação também é feita por parte do público. Maingueneau propõe, portanto, dois tipos de *éthos*: o discursivo e o pré-discursivo.

O *éthos* discursivo presente na enunciação se aproxima da noção aristotélica; contudo, o aspecto fundamental do *éthos* pré-discursivo é englobar a diversidade de tipos, de gênero do discurso e de posicionamentos. Como partimos do princípio de que a matéria satírica corresponde ao decoro do gênero ou, como observa Hansen,³² à adequação do discurso à recepção, entendemos que a construção da *persona* satírica por parte do poeta é feita de forma consciente e depende da recepção esperada na sátira em Roma, ou seja, depende de um *éthos* de satirista que preexiste à própria sátira de Pérsio. Assim, por exemplo, nas sátiras de Pérsio, o tom veementemente conservador dos poemas em relação à suposta decadência da sociedade romana concorda com a observação de Elliot³³ sobre a defesa, suporte e preservação da ordem social por parte do satirista e do gênero.

Ao longo das seis sátiras que compõem a obra de Pérsio, percebeu-se que, de modo geral, o satirista, em sua crítica, adota uma única *persona* cuja assunção de uma postura estoica estabelece a necessidade de uma moral que se guie a partir dessa filosofia. Assim, padrão recorrente em todas as sátiras, a *persona* poética indaga a importância do aprendizado que não produz escritos louváveis e reconhecidos;³⁴ questiona o descuido com os estudos e enfatiza a necessidade do saber para a integridade da mente;³⁵ retoma a importância dos estudos para obter uma vida saudável e virtuosa; e, por fim, considera o saber como a verdadeira liberdade.³⁶

Consideramos que há uma conduta sólida frente aos temas satíricos, por isso, propomos uma categorização de posicionamentos predominantes defendidos pela *persona* poética de Pérsio: a) associação do gosto literário à moral (corrupta ou não); b) a performance de uma linguagem inculta; c) a crítica às práticas viciosas; d) a apreciação aos estudos e, por fim; e) o enaltecimento da filosofia estoica.

ASSOCIAÇÃO DO GOSTO LITERÁRIO À MORAL CORRUPTA

Castro³⁷ observa que, desde Lucílio, a sátira romana apresenta como um de seus principais *tópoi* a crítica ao filelenismo que inundava Roma. Tal crítica é expressa por meio da condenação aos usos excessivos de termos gregos, bem como da paródia dos gêneros elevados importados da Grécia. A autora esclarece que tal postura aversiva não significou uma negação absoluta da cultura helênica, mas sinalizou uma valorização nacional que aparece também na obra de Horácio e de Pérsio. De fato, observamos que os poemas analisados apresentam de maneira explícita a crítica à literatura contemporânea e ao helenismo, em especial nas sátiras I e V.

Na sátira I, há um diálogo entre o enunciador³⁸ e o interlocutor cujo assunto é a crítica da literatura contemporânea e seus helenismos. O satirista, ao afirmar que a cidade de Roma é perturbada, e seus habitantes, detentores de juízo corrupto e afeminados, estabelece uma relação entre a moral pública e a inclinação literária. Esclarecendo melhor essa relação, o enunciador indica a duvidosa qualidade literária dos textos memorizados e repetidos pelos adolescentes³⁹ e prossegue afirmando que o gosto literário e efeminado era proveniente das influências helênicas.⁴⁰ Além disso, a crítica por meio da ironia quanto à utilização de termos gregos – *chaere* (prólogo) e *euge*⁴¹ – soa como uma defesa da sátira enquanto gênero romano, posteriormente professada por Quintiliano: “[S]atura quidem tota nostra est”.⁴² A defesa da escrita satírica se apresenta também no poema em questão:

Eis como há pouco ensinamos àqueles acostumados a dizer besteiras em grego a expressarem sentimentos heroicos; uma gente que nem sabe retratar os bosques, nem elogiar o campo abundante [...].⁴³

Na sátira v, o poema mais longo da obra de Pérsio contendo 191 versos, há um grande número de elementos autobiográficos que são consoantes com as informações contidas na *Vida de Pérsio*. Haroldo Bruno⁴⁴ considera o poema como uma epístola dirigida a Cornuto, tendo como tema a liberdade que somente a sabedoria pode oferecer. No entanto, para Braund,⁴⁵ a sátira se inicia em um “modo autobiográfico de breve intercâmbio entre Pérsio e seu tutor”. Nesse mesmo poema, há temas apresentados também na primeira sátira como, por exemplo, a censura frente à escrita⁴⁶ e sua defesa enquanto gênero baixo. O poema se inicia com a crítica do satirista aos gêneros elevados – épico e trágico – por meio de referências a Virgílio e Homero:

[É] costume dos poetas demandar para si mesmos cem vozes, escolher para seus poemas cem bocas e cem línguas, ou servir uma fábula que faça abrir a larga boca do triste ator trágico[...].⁴⁷

A *persona* poética, respondendo ao decoro do gênero satírico, se recusa a escrever o que os poetas do gênero elevado – épico e trágico – escrevem⁴⁸. Dessa forma, se a matéria da sátira, como observa Hansen,⁴⁹ é a representação caricatural da feiura moral, recusar-se a escrever sobre as matérias dos gêneros elevados condiz com a tradição na qual a *persona* satírica está inserida. Além disso, a defesa da escrita do gênero baixo retoma imagens construídas no prólogo⁵⁰ por meio da referência ao Hélicon e, ao nosso ver, mantém a crítica ao filelenismo.

A PERFORMANCE DE UMA LINGUAGEM VULGAR

O estilo de Pérsio foi tradicionalmente considerado obscuro, permeado de metáforas, neologismos e vulgarismos, o

que impôs certa dificuldade de compreensão na leitura dos poemas.⁵¹ O exagero de vulgarismos⁵² presentes na primeira e quarta sátira concorda com a rusticidade expressa no prólogo: “[E]u, um semipagano, aos ritos dos vates levo meu próprio canto” (“[I]pse semipaganus ad sacra vatum carmen adfero nostrum”). Na primeira sátira, há uma cena erótica da poesia:

E então verás os ingentes Titos comoverem-se, mas não pela decência ou pela voz serena, mas sim quando os cantos penetrarem as bundas e as intimidades forem afagadas pelo verso trêmulo;⁵³

bem como a pergunta do satirista ao interlocutor “*Romano, tu estás desmunbecando*”; a qual o verbo *cevēre* sugere “saracotear-se” e “agitação dos quadris”. Castro observa, em nota, que o verbo *cevēre* pode indicar submissão à luxúria ou a ridicularização do gesto feminino em mexer os quadris. Marcial, no epigrama 3.95.13,⁵⁴ utiliza o mesmo verbo na segunda pessoa, *cevēs*, referindo-se a Névolos com o mesmo sentido homoerótico usado por Pérsio. O vulgarismo que destacamos nesse trecho em relação à sátira de Pérsio se dá pela escolha de *cevēre* ao invés de uma forma mais polida como “[V]ir non es?”.

Diversas cenas obscenas aparecem também na sátira IV como, por exemplo: “[P]or que, então, tu, em vão adornado por beleza superficial, não desistes de sacudir o rabo para o povinho adulator antes do tempo [...]”; E, ainda:

Mas se tu relaxares, besuntado, bronzeando-te, haverá perto de ti um desconhecido que te dê uma cotovelada e cuspa com acidez: ‘Esses costumes! Exibir para o povo o pênis depilado, os segredos da bunda, as vaginas murchas. Assim, se tu penteias a lâ perfumada das bochechas, por que o pênis surge tosquiado por entre as virilhas? Ainda que cinco depiladores arranquem esse matagal e com pinças aduncas torturem tuas nádegas molhadas, não se amansa essa samambaia com arado algum.’⁵⁵

Percebeu-se que há uma mudança de tom significativo nas sátiras de Pérsio. No primeiro poema, o satirista afirma que seus interlocutores são construídos para o contrariar “quem quer que sejas (ó quem eu criei recentemente para me contrariar”;⁵⁶ diante disso, notou-se que nas sátiras I e IV, tais colocutores viciosos auxiliam a construção do contraste para com o caráter virtuoso do satirista, bem como o distanciamento entre esses. Além disso, nesses poemas, há um exagero frente ao uso de uma linguagem vulgar ao vituperar fazendo jus ao prólogo. No entanto, nos poemas que incorporam dados autobiográficos ou que são direcionados a personalidades que fizeram parte, segundo a *Vida de Pérsio*, do círculo de amizades do poeta como Mácrino (*sat.* II), Cornuto (*Sat.* v) e Césio Basso (*Sat.* VI), a *persona* satírica se mostra quase dotada de uma “*urbanitas*”.⁵⁷ Dessa forma, as figuras virtuosas a quem as sátiras, em questão, são endereçadas auxiliam os posicionamentos do satirista ao condenar os vícios da sociedade romana, bem como aparentam certa proximidade para com o enunciador.

Percebeu-se, portanto, que a performance de uma linguagem rústica e urbana oscila entre as posturas adotadas pelas *personae* poéticas e pela escolha dos destinatários. A exemplo, a sátira I, que declaradamente afirma a construção de um interlocutor como recurso argumentativo, apresenta uma linguagem vulgar ao julgar a literatura contemporânea e os helenismos. O satirista, no poema em questão, assume a figura de uma pessoa virtuosa e rústica para julgar os que não vivem segundo os princípios morais que por ele são defendidos. Todavia, a sátira v, endereçada a Cornuto, também apresenta crítica aos helenismos, a literatura contemporânea, bem como a defesa da escrita do gênero satírico, além de adotar um tom professoral, porém, a linguagem é urbana.

CRÍTICA ÀS PRÁTICAS VICIOSAS

Dentre as possíveis explicações etimológicas do termo *satura*,⁵⁸ Castro⁵⁹ pontua que Horácio foi inovador ao apresentar a ideia de *satis* ligada à satisfação e, assim, distanciando de mistura,

definindo uma noção de “bastante” e “suficiente” para com o trabalho satírico, principalmente a partir da sátira I v. 1, em que o poeta crítica a inconstância e a avareza dos homens:

Mecenas, donde vem, que satisfeito
Ninguém vive no estado, que elegera,
Ou que sorte lhe dera; e aplaude aqueles
Que a diverso propósito se aplicam?
[...] Muitos, tomados de uma vã cobiça,
Clamam “nada é assaz, pois tanto vales,
Quanto é teu cabedal.” – Não há curá-los:
Querem-no acinte, embora se amofinem.⁶⁰

Em relação à sátira II, percebemos a crítica da *persona* satírica à ganância, à hipocrisia dos fiéis romanos e à preocupação exacerbada por bens materiais. No poema em questão, o satirista propõe um contraste do *étos* de Macrino, a quem a sátira é endereçada e cujo caráter é virtuoso, ao dos romanos religiosos os quais a *persona* satírica condena e chama de corruptos.

O enunciador prossegue em sua crítica, acusando os devotos de serem ilógicos em suas preces, pois os pedidos aos deuses se tornam desnecessários visto que suas ações são contrárias ao que se deseja⁶¹ e caracteriza o ouro como indicador da ganância romana. Nos últimos versos (60-75), o enunciador acusa e ridiculariza os devotos que confundem seus prazeres terrenos – ouro e gula – com os prazeres das divindades.⁶² A sátira finaliza com a defesa de oferendas virtuosas e humildes.⁶³

A crítica à avareza aparece também nos poemas IV e VI. Na quarta sátira, o personagem de Vetúdio, rico, prefere comer uma cebola com casca e sal e beber vinho de má qualidade do que participar de banquetes copiosos, porque é avarento:

Não conheces os campos de Vetúdio?, de quem? Um rico com propriedade em Curos, tão grande que nem um falcão sobrevoa totalmente. Tu queres dizer este, com deuses irados e um Gênio sinistro? Este, que quando deposita o jugo nas encruzilhadas abertas reluta em tirar a velha poeira dos pequenos jarros e lamenta: ‘Faça bom proveito, enquanto morde uma cebola com casca e sal?’.⁶⁴

Quanto à sexta sátira, último poema da obra de Aulo Pérsio Flaco, Braund⁶⁵ considera sua estrutura como uma epístola,⁶⁶ tradição iniciada por Lucílio e desenvolvida por Horácio,⁶⁷ mas observa, ainda, que a mudança de tom dramático, geralmente defendida no poema, é questionável. Em relação à divisão estrutural da sátira, Morford⁶⁸ observa que há três partes nesse texto satírico: introdução, diatribe⁶⁹ e, por fim, um epílogo. Seguindo a divisão proposta por Morford, na introdução do poema, observa-se uma cenografia na qual Basso está aproveitando o inverno em sua propriedade situada na região sabina. Em seguida, o satirista elogia as qualidades literárias do amigo e informa sua localização que, isolado na costa liguriana, não se preocupa com a multidão tampouco se prende a desejos invejosos.⁷⁰ O discurso diatríbico da sátira sobre os usos dos bens materiais é demonstrado a partir da construção de dois tipos de pessoas: o avarento e o esbanjador:

Ó, Horóscopo, tu geras gêmeos de gênio diverso: há um que, astuto!, somente em seu aniversário polvilha legumes ressecados com os temperos que comprou em cálice, espalhando ele mesmo a sagrada pimenta no prato; enquanto o outro, menino esbanjador, devora com os dentes seus grandes bens.⁷¹

Além da crítica ao vício da avareza que aparece nas sátiras em questão, o evidenciar da importância que os homens dão aos bens materiais é também um traço da filosofia estoica.

APRECIÇÃO AOS ESTUDOS

A sátira III é um poema diálogo cujo tema é o estudo da filosofia estoica. Para Braund,⁷² a voz que dialoga com o estudante despreocupado com os estudos não é explícita. A autora observa que esse enunciador poderia ser um colega de estudos, um tutor ou uma voz inconsciente. Consoantes com Castro⁷³ e Bruno,⁷⁴ consideramos que a construção do diálogo do poema tem como enunciador e interlocutor, respectivamente, o satirista e o jovem.

O poema se inicia com o despertar do jovem ébrio às altas horas da manhã e, posteriormente, o interlocutor é apresentado como um rapaz sem preocupações e motivações, preguiçoso com os estudos e raivoso. Por meio da queixa colérica do jovem que não tem seus pedidos atendidos, há uma analogia que o associa aos asnos da Arcádia indicando, assim, a necessidade de estudo.⁷⁵

Na segunda parte do poema, a partir do v. 63, o satirista apresenta questões filosóficas e incentiva o jovem sobre a necessidade de conhecer as causas das coisas, a moderação da riqueza, a licitude das escolhas, a generosidade para com a pátria e outros, pois essas são, como observa Castro,⁷⁶ a cura para os vícios morais. Se por um lado, o enunciador elenca questões caras à filosofia, por outro, aponta um exemplo de pensamento filosófico infrutífero: “[O] nada foi gerado através do nada; nada pode ser revertido para nada”; *“gigni / de nihilo nihilum, in nihilum nil posse reverti.”*. Percebeu-se ainda que o poema em questão retoma o tema da ganância, bem como aponta para o tema da quarta sátira a partir do pressuposto de que só é possível alcançar a condição sã se o corpo e a mente estiverem em harmonia em relação à virtude, harmonia essa que só pode ser obtida através do estudo assíduo da filosofia estoica. Assim, esse argumento nos parece dialogar com o discurso pseudoplatônico que assegura que a integridade do corpo e da alma e, por conseguinte, a governabilidade das partes de forma igual sejam exigências para um caráter virtuoso.⁷⁷

Na sátira v, já mencionada antes, há uma divisão do poema em que a primeira parte é destinada aos elogios a Cornuto, bem como a defesa da escrita do gênero satírico, e a segunda apresenta a discussão da *libertas*, tópica comum à sátira e à filosofia estoica. Nos v. 29-51, a *persona* satírica relembra os tempos pueris e a educação filosófica que recebera de seu tutor, conhecedor dos erros e dos costumes tortos, e, assim, afirma que sua moderação é fruto do auxílio e da educação que recebera. Nos versos seguintes (52-65), a voz enunciativa discorre sobre os vícios e os modos de viver. Percebeu-se, assim, a passagem de uma figura estudantil para outra capaz de ensinar, assim como seu tutor, o caminho não bifurcado o qual se deve percorrer.

ENALTECIMENTO DA FILOSOFIA ESTOICA

Castro⁷⁸ observa que a sátira romana aproximou-se da filosofia de forma cautelosa, pois essa era de origem grega e, por vezes, fixava-se como rival da moral tradicional nativa. A autora prossegue, afirmando que os satiristas, no entanto, demonstraram relações diferentes com a filosofia, a exemplo de Horácio, que estudou em Atenas e em sua obra satírica, apesar de se aproximar do epicurismo, zombou tanto dos estoicos como dos epicuristas.⁷⁹ A relação estabelecida entre a obra de Pérsio e a filosofia estoica não se dá unicamente pelos dados fornecidos pela *Vita Persii*, em que são sinalizadas as influências filosóficas do poeta em suas relações com Lúcio Aneu Cornuto, por exemplo, mas pela abordagem de pressupostos caros ao estoicismo nas sátiras do poeta neroniano.

Na sátira II, a presença da filosofia estoica se encontra, explicitamente, na cena em que o satirista acusa os devotos de pedirem coisas indignas e lavarem a cabeça no rio que é um deus, pois, para os estoicos, Deus e natureza são sinônimos. Na carta 41, de Sêneca a Lucílio, o filósofo afirma que a presença divina pode ser sentida entre os elementos da natureza:

Se penetrares num bosque cheio de velhas árvores, de altura fora do comum e tais que a densidade dos ramos entrelaçados uns nos outros oculta a vista do céu, a própria grandeza do arvoredo, a solidão do lugar, a visão magnífica dessa sombra tão densa e contínua no meio da planura, tudo te fará sentir a presença divina.⁸⁰

Jean-Baptiste Gourinat afirma que para os estoicos, nas transformações do mundo, deus toma e se manifesta de diversas formas: pelo fogo; pela água; pelo ar e pela terra: “Deus é, pois, a alma de um mundo que é ele mesmo como um ser vivo”.⁸¹ Além disso, na mesma sátira, o enunciador critica os pedidos que não podem ser feitos a Deus abertamente:

Tu [Mácrino] não pedes com uma prece interesseira coisas que não poderias dizer a não ser quando sozinho com os

deuses, mas boa parte dos cidadãos fará a libação em um altar secreto. Não é fácil para todo mundo retirar dos templos o murmúrio e os humildes sussurros e viver com voto aberto.⁸²

A crítica aos pedidos de forma secreta aparece também nas cartas a Lucílio, em que Sêneca aconselha que as preces aos deuses sejam por uma mente sã e boa saúde e defende que as orações sejam feitas abertamente:

Pede aos deuses que te libertem dos teus votos de antigamente e formula outros inteiramente novos: pede-lhes sabedoria, pede-lhes impecável saúde de espírito, e só depois também a do corpo [...] Para terminar esta carta com a pequena oferenda do costume, aqui tens esta verdade que colhi em Atenodoro: “[P]odes estar certo de que te libertaste totalmente das paixões quando chegares ao ponto de não pedires aos deuses senão o que fores capaz de pedir em voz alta!”⁸³

Quanto à sátira IV, o poema dialoga com um texto atribuído a Platão e que se utiliza da máxima de Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”. Segundo Braund,⁸⁴ o enunciador usa a figura de Sócrates como a voz do autoconhecimento em seu diálogo com Alcibíades. No diálogo *Alcibíades*, atribuído a Platão, a figura de Sócrates questiona seu interlocutor que dá nome ao diálogo sobre sua capacidade enquanto político, pois a riqueza de nada adiantaria para ser um bom conselheiro e governante. O saber seria o fundamental e, para isso, era necessário se autoconhecer verdadeiramente.⁸⁵ Para Santos,⁸⁶ Sócrates, em sua missão de levar os outros ao autoconhecimento e ao cuidado de si, acaba por demonstrar que a vida virtuosa e a vida saudável são sinônimas; ademais, a virtude presente na alma indica o quanto essa é boa e sã. Diante disso, a figura de Sócrates da qual o satirista se vale, assim como no diálogo platônico, acaba pondo a sensatez e a honestidade de Alcibíades em questão.

O enunciador imputa que a sociedade romana critica os defeitos dos outros, mas não reconhece os próprios,⁸⁷ e reafirma que apontamos os defeitos dos outros e fechamos os olhos para os

nossos. Além disso, as decisões e ações feitas sem reflexão e por impulso também são alvo de críticas. Assim como a sátira II e III, a quarta sátira retoma a importância dos estudos, isto é, do saber, para que se alcance a virtude e, por conseguinte, a saúde do corpo e da mente.

Na sátira V, o enunciador, a partir do v. 74, começa a discorrer sobre o tema da liberdade,⁸⁸ discussão sob o ponto de vista estoico, aparente na sátira III, enfatizando que apenas os sábios são verdadeiramente livres. Há a construção de cenas em que os personagens, Públio e Dama, que antes eram escravos, discutem sobre a verdadeira liberdade. É evidente no poema que a liberdade discutida não se restringe à escolha do que fazer e viver, isto é, do governar de si, mas do saber como meio verdadeiramente capaz de possibilitar a liberdade. Além disso, a *persona* satírica contrapõe a liberdade judicial (“a lei pública e a natureza dos homens contêm esta norma divina: que a débil ignorância tenha ações proibidas”)⁸⁹ e a liberdade moral (“Tu diluís heléboro, néscio para deter em um ponto equilibrado a balança? A natureza do curar proíbe isso”).⁹⁰

Os versos seguintes, a partir do v. 105 em diante, apresentam a condenação do escravo que, apesar de ter ganhado a liberdade jurídica, tem ausência da moral, visto que o então liberto busca os bens materiais, isto é, a ambição e se entrega aos prazeres da carne. A voz enunciativa, a partir dos v. 180-191, condena a superstição que, assim como a ambição e luxúria, é uma forma de escravidão. Assim, a *persona* satírica enfatiza que a liberdade judicial do escravo não o torna livre se esse está entregue aos vícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Aulo Pérsio Flaco é constituída por uma única *persona* cuja predominância de posicionamentos nas sátiras do poeta é apresentada a partir de um padrão conservador, intolerante aos desvios da sociedade romana, como o adultério e a avareza, avesso ao apego exacerbado dos bens materiais e ao helenismo, além de contrário à sua literatura contemporânea. Desse modo, consideramos que a postura sólida frente aos temas satíricos

permite-nos estabelecer uma categorização de posicionamentos recorrentes defendidos pela *persona* poética de Pérsio: a) associação do gosto literário à moral (corrupta ou não); b) a performance de uma linguagem inculta; c) a crítica às práticas viciosas; d) a apreciação aos estudos e, por fim; e) o enaltecimento da filosofia estoica.

A primeira categoria retoma a tópica cara à sátira romana que é a crítica ao filelenismo, bem como a crítica à literatura contemporânea e a associação do gosto literário à moral. O satirista, no primeiro poema, indica que o gosto literário duvidoso e efeminado era proveniente das influências helênicas. Assim, a figura do enunciador se apresenta como viril e apto para julgar ações viciosas. Há, ainda, a defesa da escrita do gênero satírico que se dá por meio da ironia quanto ao usos de termos gregos, bem como da crítica aos gêneros elevados por meio de referências a Virgílio e Homero. Seguindo o decoro satírico, a *persona* se recusa a escrever matéria épica e trágica.

Na segunda categoria, a performance de uma linguagem vulgar retoma o professor rústico “*semipaganus*” anunciado no prólogo. Percebeu-se que para além das imagens obscenas, há também a ridicularização de gestos femininos, associados ao homoerotismo. Além disso, se a maioria dos poemas apresenta uma linguagem vulgar, a sátira v, contudo, exhibe um tom diferente das sátiras predecessoras. A linguagem da *persona*, no poema em questão, é polida. Há, portanto, um tom avesso à *rusticitas* mantida nas demais sátiras.

Tal mudança de tom, para além de estratégias retóricas, nos faz considerar também o número expressivo de elementos autobiográficos do poema. Essa oscilação da voz enunciativa não deixa de manter a crítica aos vícios apresentados nos outros poemas, pois retoma assuntos trabalhados na terceira e quarta sátiras, bem como a quarta estende o discurso que se inicia no terceiro poema: estudo da filosofia estoica.

Na terceira categoria há a crítica ao vício da avareza e ao apego aos bens materiais. A importância que os homens concedem

aos bens materiais é traço da filosofia estoica que se estende nas categorias seguintes.

Na quarta categoria, o satirista enfatiza a necessidade do saber, portanto, a importância de conhecer a causa das coisas para que a condição sã do corpo e mente seja alcançada. Ademais, a apreciação para com os estudos não restringe apenas à integridade da alma e corpo em relação à virtude, mas também pela discussão da *libertas*, tópica comum à sátira e à filosofia estoica. Assim, percebeu-se que a apreciação dos estudos se dá por meio do incentivo ao estudo da filosofia estoica.

A quinta e última categoria apresenta a relação das sátiras com a filosofia estoica a partir da recorrência de pressupostos desta filosofia abordados nos poemas. A presença da filosofia estoica, em especial a partir de Sêneca, é evidente pela associação dos elementos da natureza às divindades; a crítica aos pedidos feitos em voto secreto e o aconselhamento às preces que busquem por mente sã e boa saúde. Além disso, a partir da discussão sobre o tema da *libertas* sob o ponto de vista estoico, o satirista considera o saber como único meio capaz de proporcionar a verdadeira liberdade.

Defendemos o estudo da obra de Pérsio a partir de possibilidades que não se percam em conjecturas sobre a vida do autor empírico para preencher lacunas que a obra literária possa apresentar, tampouco que se utilize dos textos literários para preencher lacunas biográficas. Não ignoramos nem negamos a existência de certa biografia nos poemas analisados, a exemplo a quinta e sexta sátira, contudo, nosso viés interpretativo foi construído a partir de argumentos que sustentam a interpretação dos poemas pela da defesa do gênero satírico como convenção retórica e manifestação artística.

ABSTRACT

This paper aims at analyzing the construction of the satirical *persona* in Aulus Persius Flaccus' satires. Our analysis is based on the concept of *persona* developed by Paulo Sérgio de Vasconcellos (2016) and Diskin Clay (1998), through which the scholars establish a distinction between poetic *persona* and empiric author, so that a reading of literary texts that, sometimes, are taken as autobiographical reflections may be avoided. We also make use of Dominique Maingueneau's concept of *éthos*: every written text has a tone that aims at giving authority to what is said and allows the reader to construct the writer's representation. Therefore, we realized that the construction of Persius' satirical *persona* in the poems presents a conservative *éthos* that is excessive in his use of vulgarisms to criticize the Roman society and its standards, positions himself against his contemporary literature and Hellenism, is averse to material attachments and an upholder of the Stoic philosophy.

KEYWORDS

Roman satire; Latin literature; Persius; Persona; Éthos.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (Org). **Imagens de si no Discurso: a construção do ethos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Introdução, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- BELCHIOR, Ygor Klain. **Nero: bom ou mau Imperador? Retórica, política e sociedade em Tácito (54 a 69 d.C)**. Curitiba: Primas, 2016.
- BRAUND, Susanna Morton. **Juvenal and Persius**. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004.
- BRUNO, Haroldo. **Pérsio**: Introdução, tradução e notas. 1980. 198 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980.
- CASTRO, Marihá Barbosa e. **O programa satírico de Pérsio frente à tradição**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- CLAY, Diskin. “The Theory of Literary Persona in Antiquity”. **Materiali e Discussioni per l’analisi dei Testi Classici**, vol. 40, 1998, pp. 9-40.
- [CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- CITRONI, Mario. Musa Pedestre. In: CAVALLO, Guglielmo; FIDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. **O espaço literário da Roma antiga**. Tradução Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. v.1. (A produção do texto literário).
- CORDEIRO, Iana Lima. **A construção da persona satírica na obra de Juvenal**. 2019. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- D’ONOFRIO, Salvatore. **Os motivos da sátira romana**. 1968. 151 f. Tese (Doutorado em Letras) – Cadeira de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo, Marília, 1968.
- EGGS, Ekkehard. O ethos aristotélico. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no Discurso: a construção do ethos**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ELLIOT, Robert C. The satirist and society. In: PAULSON, Ronald. **Satire: Modern Essays in Criticism**. New Jersey: Prentice Hall, 1971.
- GOURINAT, Jean-Baptiste. O mundo. In: GOURINAT, J.B; BARNES, J. (Orgs.). **Ler os estoicos**. Tradução de Paula S.R.C. Silva. São Paulo: Loyola, 2013.

GOWERS, Emily. Persius and the decoction of Nero. In: ELSNER, Jas; MASTERS, Jamie (ed.). **Reflections of Nero: culture, history & representation**. London: Duckworth, 1994, p. 131-150.

HANSEN, João Adolfo. Anatomia da Sátira. In: VIEIRA, Bruno V.G.; THAMOS, Márcio N (Orgs). **Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana**. São Paulo: Escrituras, 2011. p. 145-169.

HOOLEY, Daniel M. **Roman Satire**. Oxford: Blackwell, 2007.

HURLEY, Donna W. Biographies of Nero. In: BURKLEY, Emma; DINTER, Martin T. **A companion to the Neronian Age**. Malden: Blackwell, 2013.

HORACE. **Satires, Epistles and Ars Poetica**. Edited by Jeffrey Henderson and translated by H. Rushton Fairclough. Londres: Harvard University, 1929 (The Loeb Classical Library).

HORÁCIO. **Sátiras**. Tradução de António Luís Seabra. São Paulo: Edipro, 2011.

JOLY, Fábio Duarte. Liberdade e escravidão no pensamento estoico romano: uma leitura da Consolatio ad Polybium, de Sêneca. **Revista de História (USP)**, v. 1, p. 01-20, 2017.

LEITE, Diogo Moraes. **Os epigramas homoeróticos de Marcial: estudo e tradução**. 2019. 218f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto: 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6ª edição. São Paulo: Contexto: 2008.

MORFORD, Mark. **Persius**. Boston: Twayne, 1984.

PÉRSIO. **Sátiras**. Tradução Marihá Barbosa e Castro. Original cedido pela autora em fase de publicação.

PLATÃO. **Fedro cartas: o primeiro Alcibíades**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA, 2007.

PONTES, Jeferson da Silva. **Páthos e êthos no livro VI da Institutio oratória de Quintiliano: poesia e drama na peroração**. Trabalho de Conclusão de curso. Juiz de Fora, 2014, p. VI, 18.

QUINTILIANO. **Institutio Oratoria**. Tradução de Donald A. Russel. Cambridge: Harvard University, 2002.

ROSEN, Ralph M. Satire in the Republic: From Lucilius to Horace. In: BRAUND, Susanna; OSGOOD, Josiah. **A companion to Persius and Juvenal**. Malden: Blackwell, 2012, p. 19-40.

SANTOS, Raimundo Araújo dos. Sócrates e o cuidado de si ou a terapêutica da alma. **Prometheus**, v. 1, n. 2, p. 15-24, 2008.

SÊNECA. **A. Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de José Antônio Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero**: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. 313f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Persona poética e autor empírico na poesia amorosa romana**. São Paulo: Unifesp, 2016.

¹BELCHIOR, 2016, p. 37-38.

²HURLEY, 2013, p. 17.

³GOWERS, 1994, p. 131.

⁴“Neronian literature, more than that of any other period in Rome, demands to be read in the shadow, or rather, glare, of its ruler” (GOWERS, 1994, p. 131).

⁵Todas as referências à *Vida de Pérsio*, de Marco Valério Probo, pertencem à dissertação de Castro (2015).

⁶BRAUND, 2004, p. 14-16.

⁷CASTRO, 2015, p. 5.

⁸Idem, ibidem, p. 10.

⁹Idem, ibidem, p. 11.

¹⁰BRAUND, 2004, p. 1.

¹¹Idem, ibidem, p. 1-2.

¹²HANSEN, 2011, p. 145.

¹³Idem, ibidem, p. 145.

¹⁴CITRONI, 2011, p. 350-352.

¹⁵VASCONCELLOS, 2016, p. 24-26.

¹⁶Idem, ibidem, p. 19.

¹⁷HORÁCIO, *Sátiras*, II. 1. v. 28-34, 2011.

¹⁸AUTOR, ano, p. ?

¹⁹AUTOR, ano, p. ?

²⁰AUTOR, ano, p. ?

²¹AUTOR, ano, p. ?

²²AUTOR, ano, p. ?

²³AUTOR, ano, p. ?

²⁴AUTOR, ano, p. ?

²⁵AUTOR, ano, p. ?

²⁶AUTOR, ano, p. ?

²⁷AUTOR, ano, p. ?

²⁸AUTOR, ano, p. ?

²⁹AUTOR, ano, p. ?

³⁰AUTOR, ano, p. ?

³¹AUTOR, ano, p. ?

³²AUTOR, ano, p. ?

³³AUTOR, ano, p. ?

³⁴AUTOR, ano, p. ?

³⁵AUTOR, ano, p. ?

³⁶AUTOR, ano, p. ?

³⁷AUTOR, ano, p. ?

³⁸AUTOR, ano, p. ?

³⁹AUTOR, ano, p. ?

⁴⁰AUTOR, ano, p. ?

⁴¹AUTOR, ano, p. ?

⁴²AUTOR, ano, p. ?

⁴³AUTOR, ano, p. ?

44 AUTOR, ano, p. ?

45 AUTOR, ano, p. ?

46 AUTOR, ano, p. ?

47 AUTOR, ano, p. ?

48 AUTOR, ano, p. ?

49 HANSEN, 2011, p. 153.

50 “Não banhei os lábios na fonte do cavalo/ nem de ter sonhado no Parnaso bicéfalo/ me lembro, para sair de repente um poeta./ As Heliconíades e a Pirene pálida/ deixo para aqueles cujas imagens lambem/ as heras sequazes; eu, um semipagano/ aos ritos dos vates levo o meu próprio canto./ Quem ao papagaio explicou o seu “olá”./ E ensinou à pega a arriscar nossas palavras?/ O mestre da arte e doador do engenho: / o ventre, perito em seguir vozes negadas./ Se a esperança por dinheiro astuto brilhasse,/ Tu acreditarias que corvos poetas/ e pegas poetisas cantam o néctar de Pégaso” (PÉRSIO, *Prólogo*, v. 1-14). *Nec fonte labra prolui caballino/ nec in bicipiti somniasse Parnaso/ memini, ut repente sic poeta prodirem./ Heliconidasque pallidamque Pirenen/ illis remitto quorum imagines lambunt/ bederae sequaces; ipse semipaganus/ ad sacra vatuum carmen adfero nostrum./ quis expedivit psittaco suum “chaere”/ picamque docuit nostra verba conari?/ magister artis ingenique largitor/ venter, negatas artifex sequi voces./ quod si dolosi spes refulserit nummi,/ corvos poetas et poetridas picas/ cantare credas Pegaseium nectar* (PÉRSIO, *Prólogo*, v. 1-14).

51 CASTRO, 2015, p. 10.

52 As traduções as quais tivemos acesso foram as de Castro, cuja tradução faz parte de sua tese de doutorado ainda não publicada, Braund (2004) e Bruno (1980). Assim, consideramos que apesar do nosso objetivo não se aplicar às influências e possíveis alterações de sentido provenientes do processo tradutório ao que nessa categoria nos interessa: o vulgarismo, percebemos que a rusticidade em determinadas traduções é mais explícita como, por exemplo, a de Braund (2004), não preservando algumas metáforas como a de Castro (em fase de publicação 2020). A exemplo, na cena erótica da poesia, Braund é mais evidente ao traduzir: “[...] after you have rinsed your supple throat with a liquid warble, in a state of enervation *with your orgasmic eye* [...]” (PERS, I.17-18). Castro em tradução dos mesmos versos preserva a metáfora dos verso em latim *‘patranti fractus ocello’* “após limpar sua garganta macia com uma tosse afetada, afeminado, virando os olhinhos [...]”.

53 PÉRSIO, *Sátiras*, I. v. 15-21.

54 “[...] Suspeito que, através de mim, mais escravos foram feitos cidadãos / pela graça de César do que o total de seus escravos. / Más dá a bunda e lindamente, Névolô, rebolas. / Está bem, está bem, tu estás na frente, Névolô, tu vencestes: olá [...]” (MARCIAL, *Epigramas*, 3-95. 12-15) In: LEITE, 2019). Tradução de Diogo Moraes Leite. “[...] *Quot mihi Caesareo facti sunt munere cives/ nec famulus totidem suspicor esse tibi./ Sed pedicaris, sed pulchre, Naeuole, ceues./ Iam iam tu prior es, Naeuole, vincis: haue* [...]”.

55 *At si unctus cesses et figas in cute solem,/ est prope te ignotus cubito qui tangat et acre/ despuat: ‘hi mores!’ penemque arcanaque lumbi/ runcantem populo marcentis pandere bulbos./ tum, cum maxillis balanatum gausape pectas,/ inguinibus quare detonsus gurgulio extat?/ quinque palaestraitae licet haec plantaria vellant*” (PÉRSIO, *Sátiras*, IV. v. 33-40).

56 PÉRSIO, *Sátiras*, I. v. 43-44.

57 Hansen (2011, p.155) observa que a distinção da *persona* satírica urbana da *persona* satírica bufa é a finalidade da vituperação e o modo como é feita, em outras palavras “*dicere turpia non turpiter*” (dizer coisas torpes, mas não de maneira torpe).

58 1) relação com o etrusco *satr, satir* – falar ou pregar – ou, tendo em vista o significado de *sa* ser “quatro” e *ura* ser “conjunto”, o termo significaria o conjunto de quatro ou o quarteto da comédia – o apaixonado, a prostituta, o servo e o parasita (HANSEN, 2011, p. 148); 2) relação com o grego ou trácio *satyros* – figura mitológica meio homem, meio bode, que fala obscenidades (HANSEN, 2011, p. 148); 3) a origem latina do termo, que derivaria de *saturn lanx*,

uma expressão antiga para designar um prato cheio de grãos e vegetais para cultuar Ceres, portanto, *satura*>*satur*>*satis*> *sat* (“muito” e, por extensão, “misturado”) (HANSEN, 2011, p. 149).

⁵⁹CASTRO, 2015, p. 50.

⁶⁰Tradução de Antônio Luís Seabra. Original: “*Qui fit, Mecenas, ut nemo, quam sibi sortem / seu ratio dederit seu fors obiecerit, illa / contentus uiuat, laudet diuersa sequentis? [...] At bona pars hominum decepta cupidine falso / “Nil satis est” inquit “quia tanti quantum habeas sis”*” (HORÁCIO, *Sátiras*, I. v.1-64).

⁶¹“Tu pedes força aos nervos e um copo confiável na velhice. / Faz isso. Mas os pratos copiosos e as linguiças gordas têm impedido os deuses de atenderem a tais pedidos e paralisam a boa vontade de Júpiter. / Desejas acumular riquezas sacrificando um boi e invoca Mercúrio / através de entranhas: “concede a prosperidade da casa, / dá o rebanho e a fecundidade da grei”. Como, malvado, uma vez que as gorduras /de tantas novilhas derretem-se no fogo por culpa tua?” (PÉRSIO, *Sátiras*, II, v. 41-47).

⁶²“Ó, almas curvadas nas terras e vazias de coisas celestes, / de que serve introduzir os nossos costumes nos templos / e levar para os deuses coisas que vem dessa nossa carne profana?”. “*O curvae in terris animae et caelestium inanis, / quid iuvat hoc, templis nostros inmittere mores / et bona dis ex hac scelerata ducere pulpa?*” (PÉRSIO, *Sátiras*, II, v. 61-63).

⁶³“Por que, então, não oferecemos para os deuses superiores o que a raça de olhos remelentos/ do grande Messala, sobre uma bandeja, não possa ofertar: o direito e a lei divina em harmonia na alma,/ os sagrados retiros da mente e um peito mergulhado em generosa honestidade./ Tudo isso eu concedo e levo para o templo para oferecer com a farinha em sacrifício”. “*Quin damus id superis, de magna quod dare lance / non possit magni Messalae lippa propago? / compositum ius fasque animo sanctosque recessus / mentis et incoctum generoso pectus honesto. / haec cedo ut admoveam templis et farre litabo*” (PÉRSIO, *Sátiras*, II, v. 71-75).

⁶⁴“*Quaesieris ‘nostri Vetti praedia?’ ‘cuius?’ / ‘dives arat Curibus quantum non miluus errat.’ / ‘hunc ais, hunc dis iratis genioque sinistro, / qui, quandoque iugum pertusa ad compita figit, / seriolae veterem metuens deradere limum / ingemit ‘hoc bene sit’ tunicam cum sale mordens*” (PÉRSIO, *Sátiras*, IV, v. 25-30).

⁶⁵BRAUND, 2004, p. 114.

⁶⁶Castro (2015) e Morford (1984) concordam com a estrutura epistolar que a sexta sátira apresenta, todavia Haroldo Bruno (1980, p. 27) afirma que o “espírito epistolar existe apenas nos dezessete primeiros versos da peça”, assim, os versos seguintes dariam início ao desenvolvimento acerca dos bens materiais, além disso, Bruno não menciona o caráter diatribico do poema no tratar dos bens materiais.

⁶⁷Por tradição, entendemos a escrita ou o “incorporar” epistolográfico nos poemas satíricos. A esse respeito, Hooley (2007, p. 16) esclarece que a sátira também absorve, como se fosse um gênero esponja, características de outras escritas gregas, por exemplo: a invectiva, a diatribe filosófica e a epístola: “*Satire also takes in, like a generic sponge, features of other Greek writing: invective, philosophical diatribe, and epistle*” (HOOLEY, 2007, p. 16).

⁶⁸MORFORD, 1984, p. 67.

⁶⁹Em *Os motivos da sátira romana*, Salvatore D’Onofrio (1968, p.13) considera que os temas comuns às diatribes e presentes em outras formas de literatura filosófico-moralizante são: a autarquia do sábio, a liberdade espiritual; a instabilidade da fortuna; o contraste entre os bens materiais e espirituais; e a comparação entre a vida e a morte. Além disso, o autor considera que a forma das diatribes é “uma discussão à guisa de um monólogo” cujo tom é o diálogo.

⁷⁰“O inverno já te moveu, Basso, para a lareira sabina? / Acaso já a lira e as cordas ganham vida através de seu plectro grave? / Artista maravilhoso! [...] Eu, enquanto isso, aqueço-me na orla lígure, / onde o mar, a quem os penhascos dão as costas, descansa, e o litoral se retrai em um amplo vale / [...] Aqui estou eu, despreocupado com a plebe e com o que o austero / infeliz tenha preparado para o rebanho, despreocupado também se o recanto daquele vizinho é mais farto que o nosso...”. “*Admovit iam bruma foco te, Basse, Sabino? / iamne lyra et tetrico*

vivunt tibi pectine chordae?/ mire opifex/ [...] mihi nunc Ligus ora/ intepet hibernatque meum mare, qua latus ingens/ [...] hic ego securus volgi et quid praeparet auster/ infelix pecori, securus et angulus ille vicini nostro quia pinguior” (PÉRSIO, *Sátiras*, VI. v.1-14).

⁷¹“*Gemino, horoscope, varo/ producis genio: solis natalibus est qui/ tinguat bolus siccum muria vaser in calice empta, ipse sacrum inrorans patinae piper; hic bona dente/ grandia magnanimus peragit puer*” (PÉRSIO, *Sátiras*, VI. v. 18-22).

⁷²BRAUND, 2004, p. 72.

⁷³CASTRO, 2015, p. 67.

⁷⁴BRUNO, 1980, p. 23.

⁷⁵“Tem certeza? Sério? Rápido, alguém vem aqui! Ninguém? A vítrea bile começa a inchar: minha raiva é tanta que pensas que zurram os pastos da Arcádia.”. “*Verumne? Itan? Ocius adsit / huc aliquis. Nemon? Turgescit vitrea bilis: findor, ut Arcadaie pecuariae rudere credas*” (PÉRSIO, *Sátiras*, III. v. 7-9).

⁷⁶CASTRO, 2015, p. 68.

⁷⁷PLATÃO, *Alcibiades I*, 130b-134c. Todas as referências ao diálogo *Alcibiades I*, pertencem à edição da obra traduzida por Carlos Alberto Nunes, de 2007.

⁷⁸CASTRO, 2015, p. 48.

⁷⁹Idem, *ibidem*, p. 48.

⁸⁰Tradução de Segurado e Campos. “*Si tibi occurrerit vetustis arboribus et solitam/ altitudinem egressis frequens lucus et conspectum/ caeli ramorum aliorum alios protegentium summovens/ obtentu, ilia proceritas silvae et secretum loci et/ admiratio umbrae in aperto tam densae atque continuae fidem tibi numinis faciet*” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, LXI, 3).

⁸¹GOURINAT, 2013, p. 92.

⁸²“*Non tu prece poscis emaci/ quae nisi seductis nequeas committere divis;/ at bona pars procerum tacita libabit acerra./ haut cuivis promptum est murmurque humilisque sussurros/ tolere de templis et aperto vivere voto*” (PÉRSIO, *Sátiras*, II. v. 3-7).

⁸³“*Sic loquere, sic/ vive; vide ne te ulla res deprimat. Votorum tuorum/ veterum licet dis gratiam facias, alia de integro suscipe;/ roga bonam mentem bonam valitudinem animi,/ deinde tunc corporis/ [...] sed ut more meo cum aliquo munusculo epistulam/ mittam, verum est, quod apud Athenodorum inveni:/ " Tunc scito esse te omnibus cupiditatibus solutum,/ cum eo perveneris, ut nihil deum roges, nisi quod/ rogare possis palam*” (SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, X, 4 - §5).

⁸⁴BRAUND, 2004, p. 87.

⁸⁵Em Alcibiades, Sócrates (134b-c) afirma que para cuidar da cidade com retidão e nobreza “então, primeiro precisarás adquirir virtude, tu ou quem quer que se disponha a governar ou a administrar não só a sua pessoa e seus interesses particulares, como a cidade e as coisas a ela pertinentes”.

⁸⁶SANTOS, 2008, p. 9.

⁸⁷“Pois ninguém procura concentrar-se em si mesmo, ninguém! Mas observa o alforje nas costas de quem vai à frente!” “*Vt nemo in sese temptat descendere, nemo,/ sed praecedenti spectatur mantica tergo!*” (PÉRSIO, *Sátiras*, IV, v. 23-24).

⁸⁸A respeito da liberdade e escravidão pela filosofia estoica, cf. JOLY (2017).

⁸⁹“*Publica lex hominum naturaue continet hoc fas,/ ut teneat vetitos inscitia debilis actus*” (PÉRSIO, *Sátiras*, V, v. 98-99).

⁹⁰“*Diluiss elleborum, certo conspescere puncto/ nescius examen? Uetat hoc natura medendi*” (PÉRSIO, *Sátiras*, V. v. 100-101).